

**DE PAPARY À (DIO) NÍSIA: CIDADE E MULHER<sup>1</sup>**

Flávio Rodrigo Freire Ferreira (UNICAMP)

Indígenas do Brasil, o que sois vós?  
 Selvagens? Os seus bens já não gozais...  
 Civilizados? Não... vossos tiranos  
 Cuidosos vos conservam bem distantes  
 Dessas armas com que ferido tem-vos.  
 De sua ilustração, pobres caboclos!  
 Nenhum grau possuíis! ... Perdestes tudo,  
 Exceto de covarde o nome infame...

Nísia Floresta, em *A lágrima de um caeté*.

**RESUMO:** O presente trabalho resgata, de forma breve, a história da atual cidade de Nísia Floresta (RN), a fim de demonstrar a existência de uma relação bastante próxima entre Papary, primeiro nome da cidade, e a sua santa padroeira, Nossa Senhora do Ó. A relação observada nos textos históricos possibilitou dar voz aos moradores da cidade para analisar como eles a percebem (representações sociais). Com efeito, durante a primeira metade do século XX, percebemos nessa história, uma “presença” marcante: a mulher Dionísia Gonçalves Pinto, ou simplesmente Nísia Floresta. Nesse sentido, objetivamos realizar uma relação entre os significados que os moradores atribuem aos fatos que envolvem a antiga Papary, Nísia Floresta e Nossa Senhora do Ó, personagens importantes para a história local. Com pesquisa etnográfica e documental realizada na cidade, concluímos que existe algo ainda inexplicável no tocante ao processo de nomeação da cidade.

**Palavras-chave:** Papary. Nísia Floresta. Nossa Senhora do Ó. Representações sociais.

**ABSTRACT:** This paper intends to briefly present the history of the town of Forest Nísia (RN) in order to demonstrate the existence of a close relationship between Papary, first name and the city's patron saint, Our Lady of Ó. The relationship found in historical texts allowed to give voice to residents of the city to analyze how they perceive there (social representations). Indeed, during the first half of the twentieth century, we find this story a "presence" striking: his wife Dionisia Pinto Gonçalves or simply Nísia Floresta. In this sense we aim to achieve a relationship between the meanings that residents attach to the facts surrounding Papary, Nísia Our Lady of the Forest and O, leading figures in the local history. With documentary and ethnographic research conducted in the city concluded that there is something still unexplained regarding the nomination process of the city.

**Keywords:** Papary. Nísia Floresta. Nossa Senhora do Ó. Social representations.

<sup>1</sup> Este artigo é um capítulo de minha monografia de final de curso de título: *A cidade em Festa: nossa Senhora do Ó, contando a sua história*, defendida em julho de 2006 no curso de graduação em Ciências Sociais – UFRN.

## 1. Introdução

Papary é uma palavra indígena que remonta à origem de uma antiga vila situada nas terras próximas ao litoral do Rio Grande. Hoje, o pequeno povoado cresceu e passou a se chamar Nísia Floresta, devido a uma distinta “filha” da terra, escritora famosa do século XIX. Localiza-se na região metropolitana de Natal, mais precisamente a 40 km de distância da capital<sup>2</sup>. Mas o que significa Papary? Qual a contribuição da localidade para a história do Rio Grande do Norte? Qual a relação, na percepção dos moradores, entre Papary (denominação primeira da cidade), Nísia Floresta e Nossa Senhora do Ó? Essas questões iluminaram a reflexão a diante.

A história de Papary começa a ser contada entrelaçando-se com outra, a saber a de Nossa Senhora do Ó, santa padroeira da cidade de Nísia Floresta (FONSECA, 2005). Neste artigo, faremos um percurso pela atual cidade de Nísia Floresta a partir dos marcos de memória que compõem as representações nativas sobre o lugar. Em seguida, retornaremos à história da antiga Papary, a partir de uma visão cronológica, utilizando não apenas fontes “oficiais” da história, mas também a memória oral (BURKE, 1991). Inspirado em Mauss (1974), aqui pretendemos demonstrar que a santa tem uma grande importância para a história local e que está no centro das representações simbólicas nativas (MAUSS, 1974). Finalizando o presente artigo, teceremos comparações entre a santa padroeira e a mulher Dionísia Gonçalves Pinto que atualmente dá nome à cidade.

### 1.2 A cidade da Santa e da Pecadora

Nesta seção, realizaremos um percurso descritivo da cidade de Nísia Floresta, a partir das representações que os moradores têm dela, porque, segundo Durkheim (1978, p.199), “a representação coletiva traduz estados da coletividade”. Destacamos cada lugar da cidade que os indivíduos escolheram como *marco*. Com frequência, esses lugares são lembrados pelos moradores por terem alguma importância na história da cidade.

---

<sup>2</sup> De acordo com a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo do ano 2002, o município abrigava 19.062 habitantes.

Apesar de ser considerada hoje como parte da região metropolitana de Natal, a cidade de Nísia Floresta é pequena se comparada com outras do interior do Rio Grande do Norte. É uma pequena cidade onde se localiza a sede (prefeitura) do município, a igreja matriz, as escolas, e a maior parte das residências. Muitas pessoas que residem na sede sobrevivem de atividades ligadas à agricultura, à pesca e à criação de animais.

Após as visitas e conversas com os informantes, pudemos perceber que a cidade era marcada por lugares importantes na construção da sua representação, porque eram recorrentes nos relatos sobre o lugar. Já no início do caminho para chegar até lá, existe um ponto que repetitivamente aparece na fala dos moradores. É o **Engenho Mipibu**<sup>3</sup>, que pertence a São José de Mipibu, mas que fica mais próximo à cidade vizinha, Nísia Floresta, fazendo parte de um passado remoto em que se produzia açúcar na região. Quando querem indicar como chegar à cidade, os moradores de Nísia referem-se a ele: “Você pega a pista do engenho”. Portanto, o engenho surge como um **marco** geográfico importante.

Mais perto da cidade, encontramos a antiga **Estação Ferroviária de Papary**, edificada ainda no século XIX, talvez a segunda mais antiga edificação de grande porte de Nísia, depois da igreja, que é a primeira. A referência à estação é bastante sutil. Quando alguém a cita, é como se tentasse falar de como seria bom tê-la funcionando. Quando ouvi em uma conversa uma pessoa dizer: “É do tempo que ainda passava trem aqui por essas bandas”, parecia reclamar do fim daquele meio de transporte que não é mais disponível na atualidade, ou de um tempo de “progresso” na história da cidade.



Antiga Estação Ferroviária de Papary - Fonte: Arquivo da P.M.N.F

---

<sup>3</sup>Construído durante o ciclo do açúcar, no século XIX, aquecendo a economia colonial.

Nos conjuntos habitacionais, localizados na entrada da cidade, constatamos a existência de um **marco**. Trata-se de uma cruz chantada ao chão. O local é chamado pelos moradores de “O cruzeiro”. É um ponto de partida escolhido pelos moradores para uma caminhada durante a festa da padroeira. Moradores relataram que era “coisa dos holandeses”; outros atribuíram aos “portugueses”; alguns afirmaram que foi construído no “tempo das missões”. Sabe-se que algumas pessoas fazem promessas e rezam no local. O “Cruzeiro” aparece, então, como uma referência importante na representação da história da cidade. O **marco** mais forte de memória da cidade é a **igreja**, vista como a “casa” da santa e situada no centro da cidade. A partir dela, foram construídas praças contíguas. Se observarmos com cuidado, elas formam uma cruz. De acordo com Lopes (1999), essa configuração arquitetônica é característica das missões capuchinhas do século XVIII.



Igreja de Nossa Senhora do Ó  
Fonte: Acervo do Projeto Tapera<sup>4</sup>

No final da praça central, localiza-se a **rodoviária**, que também é um ponto de referência para os moradores, bem como de sociabilidade. Além de uma simples rodoviária, muitas pessoas passam diariamente pelo local para conversarem, ou para esperarem a chegada dos parentes. Ao seu redor, situam-se alguns estabelecimentos comerciais – como lojinhas, mercadinhos, farmácia, padaria, entre outros – que

<sup>4</sup> Para mais informações consultar o sitio [www.cchla.ufrn.br/tapera](http://www.cchla.ufrn.br/tapera);

lembram o nome de Nossa Senhora do Ó, evidenciando a importante referência da santa para a cidade. Do lado esquerdo da igreja, está outro **marco** de grande importância: é o chafariz que se localiza em uma rua fechada, conhecida pelos moradores como **Rua da Bica**. Os moradores reúnem-se para lavarem roupa, conversarem e tomarem banho. É também outro espaço de sociabilidade. Junto a esse, há outro **marco** a que os moradores se referem: as lagoas<sup>5</sup> ou lagos. Dizem da seguinte maneira: “Meu filho, antes de ir embora, você tem que tomar um banho de lagoa. Os banhos daqui são ótimos”. Já do lado direito da igreja, há o **cemitério** municipal, sobre o qual ninguém gosta de falar ou de passar pelas proximidades, durante as noites de lua cheia. Muitos moradores têm os seus familiares sepultados lá, mas só “visitam” os seus mortos mesmo, no “Dia de Finados”. O grande **Baobá**<sup>6</sup> e o **mausoléu** onde está sepultada a escritora Nísia Floresta são também referências importantes. Porém, são lugares assombrados. Segundo os interlocutores, “não é bom passar embaixo dele à noite”, a fim de que não fique susceptível às assombrações. A serpente sai de dentro daquele túmulo e pode atacar o imprudente. Essa serpente sai em busca de rapazes que, por ventura, estejam sozinhos à noite. Referem-se ainda a uma mulher de branco, que vaga durante a noite, nas ruas da cidade, e que os moradores dizem tratar-se do espírito da escritora.

Assim, é importante destacar que os lugares lembrados pelas pessoas e utilizados para descrever a cidade têm uma importância significativa, pois fazem parte da construção da história local. Um passado que existe muito antes do lugar ter seu nome original modificado em homenagem à escritora.

### 1.3 Papary e sua história

No século XVI, a aldeia indígena situada na ribeira do Mipibu, localizada na área da atual cidade de Nísia Floresta, é um dos mais antigos aldeamentos da então capitania do Rio Grande. Nesse mesmo local, repleto de lagoas, com os mais diversos nomes, há uma com denominação especial, – chamava-se e ainda se chama –, Lagoa de Papary. Mais tarde, o nome dela deu origem ao da cidade. Segundo fontes locais,

---

<sup>5</sup> De acordo com o IDEMA (Instituto de Desenvolvimento Econômico e do Meio Ambiente-RN) o município de Nísia Floresta destaca-se pela quantidade de rios e lagoas, pois existem no município nove rios e riachos; vinte e cinco lagoas permanentes e sete lagoas temporárias, constituindo-se como o município potiguar com o maior número delas.

<sup>6</sup>Árvore da família das Bombacáceas, medindo 13m de circunferência e tombada pelo Patrimônio Municipal.

Papary é uma palavra tupi, que significa “salto de peixe”, evocando a abundância dos recursos aquáticos na região (PREFEITURA MUNICIPAL DE NÍSIA FLORESTA, 2001).

Quando a capitania do Rio Grande estava sob o domínio holandês no período de 1633 a 1654, existia referência a uma localidade, possivelmente enquanto aldeia, chamada Papary. De acordo com Lopes (1999, p.66), que tem um extenso trabalho sobre as missões indígenas na região, “(...) nesse período cada aldeia contava com um número de guerreiros comandados por um capitão”. Segundo um relatório da época, havia em Mompabu cerca de 56 homens. A pesquisa de Lopes (1999, p.173-175) registra que, em 1681, a junta das missões determinou que as aldeias indígenas deveriam passar à administração dos jesuítas, o que efetivamente não aconteceu. Anos após a expulsão desses, precisamente em 1703, um juiz da época demarcou terras em favor dos índios da aldeia de Nossa Senhora do Ó do Mipibu; a Rainha da coroa Portuguesa confirmou tal demarcação em 1704.

Somente em 1736, a aldeia de Mipibu tornou-se Missão de Nossa Senhora de Sant’Ana dos Caboclos de Mipibu com a presença fixa de missionários capuchinhos. Nesse momento, foi realizada uma nova demarcação de terras, instalando a Missão em um novo local na área atual da cidade de São José de Mipibu. No local anterior, por volta de 1722, os missionários italianos fundaram uma missão capuchinha e deram prosseguimento com o comando da construção da igreja Nossa Senhora do Ó na freguesia de Papary, que só foi concluída 52 anos depois, em 1755.

Desde o período colonial, Nísia Floresta e São José de Mipibu mantêm uma relação bastante peculiar. É como se houvesse uma “rixa” histórica entre lugares vizinhos. No final do século XVIII, a missão capuchinha de São José de Mipibu passa de aldeia à vila (LOPES, 1999). Nesse momento, após a conclusão da igreja matriz de Nossa Senhora do Ó, a missão é deslocada para São José. A partir daí, a vila de Papary começa a depender, política e administrativamente, da vila de São José.

O último missionário capuchinho a administrar São José foi Frei Annibale de Genova durante o ano de 1762. Ele descreve a aldeia de Papary da seguinte maneira:

Esta aldeia foi construída sob direção dos nossos missionários com a forma de uma praça de armas, com as casas todas unidas à maneira de um quartel de soldados. A aldeia esta situada numa planície muito grande, sendo as casas dos oficiais situadas nos cantos e bastante mais altas que as outras, com duas portas uma

ao lado da outra pelas quais se entra e se sai. Há uma igreja bastante grande e bem fornecida de todos os ornamentos necessários e muito decentes. (*apud* CAVIGNAC, 2005, p. 242).

Outro relato descritivo sobre Papary data do início do século XIX, mais precisamente de 1810. O viajante inglês Henry Köster ajuda-nos a idealizar como era o lugar. Esse relato acontece alguns anos antes do decreto “oficial” feito pelo Estado, registrando a inexistência de índios no Rio Grande do Norte. Köster narra que:

[...] um moço nos encontrou e nos fez algumas perguntas. Ele morava em Papari, aldeia situada a uma meia légua da estrada. Insistiu tão fortemente para que eu o seguisse e passasse a noite em sua casa, que eu fui. Papari é um vale estreito e profundo, do mais delicioso aspecto. Inteiramente cultivado, este ano, particularmente, as terras são de um grande rendimento, porque não houve chuvas, e as terras arenosas ficaram estéreis. Com efeito, ao passo que, em todas as partes da região, o terreno queimado, neste vale se encontra uma frescura verdejante. É um sítio agradável, e os habitantes parecem, pela sua jovialidade, estimar o preço de uma tal morada. Papari goza ainda de outra vantagem: conquanto distante do mar três ou quatro léguas, encontra-se aí um lago de água salgada, de sorte que os habitantes podem ter peixe à porta. A maré sobe e desce nesta lagoa, que nunca está seca, porque, mesmo que os regatos de água doce que deságuam nela, estancassem, conservaria sempre uma porção de água do mar. Os pescadores sobem até Papari em suas pequenas jangadas, que não mergulham mais de um pé na água. Papari está a cerca de cinco léguas de Cunhaú.

Papari pode ter trezentos habitantes. Soube, depois, que, no correr do ano, muitas pessoas vêm a Papari, em virtude da absoluta falta de víveres no lugar em que moram. Fui à borda do lago para ver a chegada dos pescadores [...].

A imagem a seguir, datada do início do século XIX, mostra a entrada da antiga vila de Papary vista pelo viajante inglês Henry Köster no ano de 1810:



Entrada da pequena vila de Papary

Fonte: Arquivo da P.M.N.F

Em virtude de seu crescimento, em 1833 foi criada a paróquia Nossa Senhora do Ó, que, por sua vez, foi desmembrada de Sant'Ana de Mipibu. Porém, o desmembramento político da cidade só veio a acontecer um pouco mais tarde, quando, em 1852, Papary ganhou o estatuto de Vila Imperial de Papary, separando-se de São José do Rio Grande. Em 1º de fevereiro de 1890, com o início da República e fim do Império do Brasil, o nome de Papary sofreu uma sensível modificação: passou à denominação de Vila de Papary. Em 29 de março de 1938, foi transformada em Cidade de Papary. Em 1948, a cidade não mais recebeu essa denominação. Através de uma lei estadual, parte da elite norte-rio-grandense, com o intuito de homenagear uma escritora brasileira nascida nas proximidades, conseguiu aprovar Nísia Floresta como nome da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE NÍSIA FLORESTA, 2001).

Assim fica a evidência da importância da relação entre a localidade e a imagem da santa padroeira. Podemos notar que é atribuído à santa um importante significado não só pelos registros “oficiais” aqui utilizados, como também pelas histórias contadas pelos moradores<sup>7</sup>. Há tempos, Nossa Senhora do Ó participa da história da região, pois, antes mesmo de existir Papary, ela era chamada de Nossa Senhora do Ó “de Mipibu”. Do mesmo modo, a lagoa de Papary teve uma importância singular na cultura local, deixando de ser apenas o nome de uma lagoa para ser nome da aldeia e posteriormente da cidade.

---

<sup>7</sup> Para conhecer as versões narrativas ver o trabalho na íntegra: FERREIRA, Flávio Rodrigo Freire. *A cidade em festa: nossa senhora do Ó, contando a sua história*. Monografia (Curso de Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.



A história oficial registra a importância da santa e da escritora, mas não lembra que, antes de ser cidade, Papary foi aldeia indígena e vila, de maneira que o ocultamento dos índios pelo Estado é temperado e contradito pelas lembranças dos moradores que insistem em designar os índios como construtores da igreja. Nesse sentido, a santa, que, nas palavras dos nativos, “sai das águas do rio caudaloso”, aparece também como uma figura autóctone.

#### **1.4 “Mulher extraordinária”<sup>8</sup> versus santa de casa**

Dionísia Gonçalves Pinto, Nísia Floresta, viveu e ainda “vive” no território anteriormente denominado de Papary. Nesse sentido, a nossa intenção não é descrever a vida da escritora, acrescentando mais um capítulo da sua biografia, mas é evidenciar a influência que a presença de Dionísia teve e ainda tem sobre a antiga Papary. Também ensaiaremos uma breve comparação com a influência da santa Nossa Senhora do Ó. Como expus antes, de acordo com o pressuposto norteador da pesquisa, a festa de santo padroeiro define identidade coletiva; no caso da localidade investigada, a festa daquela santa promove a constituição da identidade dos seus moradores. Na história oficial, é lembrada a presença da escritora, mas, de forma estranha, ela é reinterpretada pela memória local. Consultamos algumas biografias de Nísia Floresta, a fim de integrar elementos que ajudem a analisar a figura da escritora.

Dionísia Gonçalves Pinto nasceu em 12 de outubro de 1810, no sítio Floresta, situado no pequeno povoado de Papary, no Rio Grande do Norte. Era filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa e de Antonia Clara Freire, a qual era natural da mesma capitania. Dionísia nasceu numa família branca, conceituada, abastada, com grandes posses de terras pelo litoral sul do Rio Grande. Dionísia teve três irmãos: Clara, Joaquim e outra, por parte de mãe, chamada Maria Izabel do Sacramento. Durante as duas primeiras décadas de sua vida, a família vivia entre Papary, no Rio Grande, e Goiana, cidade mais “avançada” em relação à Papary, localizada no interior de Pernambuco. A infância no sítio Floresta foi responsável pela sua formação emancipadora, convivendo em um momento de tensão política, que fazia parte do “clima” da época.

---

<sup>8</sup> Denominação do historiador Aduino da Câmara (1941) à escritora Nísia Floresta.

Uma passagem do livro de Adauto da Câmara revela o contato entre Dionísia e os habitantes dos arredores, demonstrando também quem eram esses moradores na época: “Nísia dá a entender que os pacatos indígenas das cercanias de Floresta a atacaram em represália às ações políticas de seu pai, o que é um puro devaneio” (CÂMARA, 1941, p. 24). Casou-se muito nova em 1823, contra a sua vontade, com Manuel Alexandre Seabra de Melo, um rapaz pouco culto, mas dono de grandes extensões de terras vizinhas a Papary. Alguns meses após o casamento, Dionísia volta a residir com os pais. Tal atitude vai contribuir para reforçar as opiniões preconceituosas dos seus conterrâneos ao seu respeito. Em 1824, deixa Papary definitivamente. Mais tarde, já no fim da sua vida, parte para a França, falecendo em Rouen, em 24 de abril de 1885. Em 1954, os seus restos mortais retornaram àquela cidade norte-rio-grandense, que passou a adotar o seu nome em 1948.

Segundo Duarte (1995), em fins do século XIX e início do século XX, segmentos da sociedade empreenderam uma campanha de difamação e calúnias contra Nísia. Durante algumas dezenas de anos, predominaram comentários maldosos, o desprezo, o escárnio e a dúvida, principalmente entre os norte-rio-grandenses. Durante algum tempo, a escritora foi motivo de vergonha para muitos moradores da cidade, o que ainda hoje é considerado uma marca negativa em relação à sua pessoa<sup>9</sup>. Vale lembrar que, durante a sua vida, Nísia foi uma militante republicana em defesa da educação, da abolição da escravidão e, principalmente, dos direitos da mulher. Passadas décadas de sua morte, Nísia foi esquecida e ignorada na sua terra natal. Em consequência disso, é percebida a ausência de dados mais completos sobre a sua vida, porque o fato de Nísia apenas ter nascido na região e mudado de cidade em seguida, permitia que as pessoas a imaginassem como bem quisessem e preenchessem as lacunas históricas conforme os interesses e preconceitos de cada um.

Em Papary, o primeiro ato concreto em sua homenagem aconteceu em 1909, que, segundo Duarte (1995, p.65), se tratou de um equívoco de datação:

Por um equívoco dos conterrâneos foi comemorado no Rio Grande do Norte em 1909 o centenário de nascimento de Nísia. O congresso literário e os estudantes do Ateneu Norte-riograndense, com o apoio de Governo de Alberto Maranhão, ergueram em 12 de outubro deste

---

<sup>9</sup> Ver reportagem especial do caderno de Educação do jornal *Diário de Natal*, de 31 de março de 2006, páginas 16 e 17.

ano um monumento a Nísia, em Papary, a poucos passos de onde teria existido sua primeira residência.

Tal fato causou um enorme impacto na maioria da população local, que homenageava alguém desconhecido para eles. Em 1948, através do Decreto-Lei número 146, datado de 23 de dezembro, em uma homenagem feita por parte da elite norte-riograndense à memória da escritora, Papary muda de nome. De forma imposta, o município que tinha o mesmo nome de sua fundação passou a ter o nome de uma mulher que “escandalizou” a cidade e que não compartilhou dos valores e hábitos da época. Com certeza, o apagamento da memória local é ligado à figura ambivalente dessa “feminista” de antes da hora.

Em 1953, através de uma lei, o governo brasileiro foi autorizado a fazer a transladação dos restos mortais de Nísia, da França para o Brasil. Em 11 de setembro de 1954, apesar de toda a burocracia que envolveu essa transferência, jornais brasileiros registraram as solenidades realizadas pela chegada dos despojos da escritora. Esses foram enterrados no mesmo monumento inaugurado em 1909, que agora servia como túmulo para uma “filha” da terra, que retornava para o seu lugar de nascimento.

Após a chegada do corpo da escritora, que foi bastante agitada, algumas histórias começaram a compor o imaginário da população na cidade. Então, observamos a segunda influência direta, porque, conforme Duarte (1995, p.48. Grifo meu):

[...] ainda hoje existem estórias de mal-assombração, conhecidas pelos mais idosos da região, que diziam que em noites de lua cheia seu espírito saía do túmulo e vagava por entre as ruas da cidade à busca de homens que por ventura estivessem sozinhos. Às vezes surgia sob a forma de uma serpente [ou uma mulher de branco], aliás, bem de acordo com a imagem de “mulher pecadora” que todos ali tinham dela.

Tais relatos assumiram tanta força na cidade, que as autoridades do lugar resolveram por “bem envolver o seu túmulo com correntes como forma de impedir que ela continuasse a sair e assustar os habitantes do lugar” (DUARTE, 1995, p.49). Essas

correntes permaneceram lá até o fim dos anos de 1970, quando foram retiradas por ocasião de uma reforma.<sup>10</sup>

Contrariamente às histórias orais e não orais proferidas sobre a escritora, existem as histórias sobre a santa Nossa Senhora do Ó, em que todas apontam para reforçar a autoctonia e lembrar a fundação da cidade. Assim, as histórias que envolvem a pessoa de Nísia Floresta são carregadas de representações negativas, não se relacionando com nada que faz parte da cultura local, pois ela apenas nasceu ali e, praticamente, mudou de cidade logo em seguida. Portanto, homenagear a escritora, dedicando-lhe a denominação de uma cidade, cujos habitantes nem sabiam de quem se tratava, foi uma atitude um tanto quanto intrigante e questionável.

Assim as histórias contadas sobre a santa padroeira estão inscritas na memória daqueles que as contam: a descoberta da santa deu início à fundação da cidade, evento histórico que, por sua vez, cria um tipo de identidade coletiva, vivido na ocasião da festa da padroeira. Nesse sentido, a festa é importante na definição de uma identidade que é vivenciada **no** e **com** o coletivo. Assim, “no nordeste brasileiro, as lendas de fundação dos lugares sagrados atualizam-se nas romarias e nas devoções aos santos” (CAVIGNAC, 1999, p. 247).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Ed. Irmãos Pongetti, 1941.

CAVIGNAC, Julie. *Vozes da Tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.12, p. 245-265, 1999.

\_\_\_\_\_. Retóricas do Olhar e Tramas da Narrativa: Historicidade e Mitografia em Nísia Floresta (RN). In: MARTINS, José de Souza; ECKERT, Cornélia; NOVAES, Sylvia Caiuby (Orgs.). *O Imaginário e o Poético nas Ciências Sociais*. Bauru, SP: Ed. EDUSC, 2005.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: Vida e Obra*. Natal: Ed. Universitária (UFRN), 1995.

---

<sup>10</sup> Grande parte das informações a respeito das mal-assombrações do espírito de Nísia Floresta na cidade foram encontradas em DUARTE, C. *Nísia Floresta: vida e obra*. (1995).

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

FONSECA, Ana Claudia Mafra da. História de Pescador: as culturas populares nas redes das narrativas (Papary – Nísia Floresta – RN). Tese (Doutoramento) – UFPB/CCHLA. 266 pg. João Pessoa, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, 2002.

KÖSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução de Câmara Cascudo. 2. ed. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, Governo do Estado de Pernambuco, 1978.

LOPES, Fátima Martins. *Missões religiosas. Índios, colonos e missionários na colonização do RN*. Recife, UFPE – Mestrado em História, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio Sobre a Dádiva. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. (Vol. I e II).

PREFEITURA MUNICIPAL DE NÍSIA FLORESTA. In: *ARQUIVOS* – Secretaria de Turismo e Meio Ambiente; Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2001.